

**DOSSIÊ SAUSSURE, ESSE
DESCONHECIDO**

REVISITANDO SAUSSURE

Leonor Scliar-Cabral*

Apresentação

Ao revisitar Saussure, desde minha primeira leitura há 35 anos atrás da tradução de Amado Alonso para o espanhol e com muitas incursões nestes anos todos, novamente me surpreendo com as redescobertas. Por um lado, constato a vitalidade do texto, por outro, verifico minhas incorreções interpretativas, algumas delas consignadas em meu livro *Introdução à lingüística*.

E chego à conclusão, ao reler a edição crítica preparada por Tulio de Mauro (Saussure, 1972), de que muitas das incongruências se deveram ao fato de que os editores do *Curso de lingüística geral* se baseassem nas notas de aula de três cursos, o de 1906-1907, o de 1908-1909 e o de 1910-1911 e até de conferências estenografadas anteriores (1897), não só misturando-as, como também não obedecendo a ordem dos conteúdos ministrados.

Ora, Saussure estava em contínua reformulação de suas idéias (imaginese, por exemplo, se alguém fosse difundir as teorias de Chomsky, misturando as de 1957, com as de 1965 e com o minimalismo, sem assinalar a evolução!).

Sendo assim, vou dividir este trabalho em duas partes. Na primeira, assinalarei dois pontos que, nesta releitura, me pareceram os de mais controversa

* Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq.

interpretação. Na segunda, os que revelam o quanto as idéias de Saussure foram precursoras do pensamento lingüístico atual.

Interpretação controversa

Fonética e fonologia

É necessário compreender que os termos “fonética” e “fonologia” não tinham para Saussure o mesmo significado que hoje lhes atribuímos, sejam quais forem as teorias endossadas pelas correntes contemporâneas. Tinham, mesmo, um significado diferente daquele que seria atribuído pelo Círculo de Praga, nas teses de 1928, apresentadas por R. Jakobson ao Congresso Internacional de Lingüistas em Haia e desenvolvidas por Trubestkoy (1970).

O termo “fonologia” corresponde para Saussure ao que hoje denominamos “fonética articulatória”, enquanto “fonética” é para Saussure o estudo da mudança diacrônica dos sons. Ele evita, mesmo, o termo fonema, introduzido, sem embargo, em muitos passos pelos editores.

Senão vejamos. À página 54, lemos:

A fisiologia dos sons (al. *laut-* ou *Sprachphysiologie*) é freqüentemente denominada “fonética” (al. *Phonetik*, ing. *phonetics*). Esse termo nos parece impróprio; nós o substituímos pelo de *fonologia*. Pois *fonética* designou e deve continuar a designar o estudo das evoluções dos sons; não deveremos confundir sob um mesmo nome dois estudos absolutamente distintos. A fonética é uma ciência histórica; “...a fonologia, ela – é necessário repetir, – não é senão uma disciplina auxiliar e não se ocupa senão da fala” (tradução da autora).

No entanto, podemos inferir de algumas afirmações a noção de fonema oposta à de som, na oposição que Saussure faz entre classe e sua realização, como à página 66: “Em contraposição, o fragmento *t*, tomado em separado, pode ser considerado *in abstracto*, fora do tempo. Pode-se falar de *t* em geral, como da espécie *T* (designaremos as espécies por maiúsculas), de *i* como da espécie *I*, prendendo-nos apenas ao caráter distintivo, sem nos preocuparmos com tudo o que depende da sucessão no tempo.”

Do mesmo modo, quando estende a teoria do valor aos elementos materiais da língua (p. 164): “Os fonemas são, acima de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas”.

Recepção como processo passivo

Em muitas passagens do CLG, Saussure reitera o caráter passivo da recepção em oposição à criatividade da produção. Esse posicionamento de Saussure é coerente com a teoria de que a língua é um produto social depositado na mente dos membros de uma mesma comunidade lingüística (p. 30-44; apontamentos de Engler e de Secheyne, nota 64).

Sendo assim, à página 29, quando ele descreve o circuito da fala, lemos:

O circuito, tal como o representamos, pode se dividir ainda...
 c) numa parte ativa e numa parte passiva: é ativo tudo que provém do centro de associação de um dos sujeitos à orelha do outro sujeito, e passivo tudo que provém da orelha deste a seu centro de associação; enfim, na parte psíquica localizada no cérebro, pode-se chamar de executivo tudo o que é ativo (c → i) e receptivo tudo o que é passivo (i → c).

Está empiricamente comprovado pela psicolingüística experimental que os processos receptivos não são passivos, seja no processamento da cadeia da fala, seja na leitura. A objeção a Saussure já vem consignada na nota (61), numa menção a G. A. Miller (1956): “Perceber o discurso não é algo passivo e automático. Quem percebe assume uma função seletiva, em resposta a certos aspectos da situação global e não a outras. Responde aos estímulos, de acordo com uma organização que lhes impõe”.

Há duas questões a considerar na teoria de Saussure, a primeira é a atribuição de passividade aos processos receptivos; a segunda é o imperativo de homogeneidade do sistema lingüístico na mente dos membros de uma mesma comunidade lingüística.

Conforme Miller acentua, processos atencionais e seletivos atuam sobre o sinal acústico da fala, bem como o conhecimento prévio diferenciado do ouvinte.

Por outro lado, não haveria necessidade de postular a homogeneidade do sistema lingüístico como condição da compreensibilidade, desde que se entendesse a teoria do valor do Saussure ao sistema lingüístico internalizado pela criança no processo de aquisição da língua, quando exposta a uma determinada variedade sociolingüística. Sendo assim, independentemente das variantes fonéticas, morfológicas, sintáticas, lexicais ou semânticas, de uma variedade sociolingüística, sendo os valores atribuídos os mesmos e, graças aos processos ativos durante a recepção, é possível ao receptor compreender seu interlocutor.

Idéias precursoras de Saussure

Universais lingüísticos

Embora a busca dos universais lingüísticos tanto formais quanto substantivos esteja associada a Chomsky, encontramos na proposta programática de Saussure (p. 20) tal preocupação: “A tarefa da lingüística será [...] b) procurar as forças em jogo de uma forma permanente e universal em todas as línguas e deprender as leis gerais às quais se podem submeter todos os fenômenos particulares da história.” E noutro passo (p. 44): “O lingüista é obrigado a conhecer o maior número possível (de línguas) para extrair de sua observação e de sua comparação o que nelas há de universal”. Uma afirmação mais intrigante encontramos à página 140: “Apesar de tudo, não deveremos esquecer jamais que em teoria esta unidade é superficial, enquanto a disparidade dos idiomas escondem uma unidade profunda.”

Uma alusão explícita aos limites biopsicológicos e cognitivos que conformam as línguas encontramos à página 263: “Neste sentido, as possibilidades, embora em número incalculável, são limitadas por certos dados constantes, fônicos e psíquicos, no interior dos quais toda língua deve se constituir e, reciprocamente, é a descoberta destes dados constantes que é o alvo principal de toda a comparação feita entre línguas irredutíveis umas às outras.”

Os limites universais impostos às possibilidades combinatórias dos sons são contemplados na seguinte passagem (p. 79): “Se no fenômeno da fonação algo oferece um caráter universal que se anuncia como superior a toda diversidade local dos fonemas, é, sem dúvida, a mecânica regulada da qual estamos

tratando. Verificamos, por ela, a importância que a fonologia dos grupos deve ter para a lingüística geral. Enquanto nos limitamos geralmente a fornecer regras para articular todos os sons, elementos variáveis e acidentais das línguas, esta fonologia combinatória circunscreve as possibilidades e fixa as relações constantes dos fonemas interdependentes”.

Os universais lingüísticos estariam vinculados à faculdade da linguagem “que possuímos da natureza, enquanto a língua é algo adquirido e convencional, que deverá ser subordinado ao instinto natural em lugar de a ele superpor-se” (p. 25).

Competência e desempenho

A dicotomia saussureana *langue/parole* não pode ser equiparada à chomskiana competência/desempenho, em virtude das disparidades epistemológicas. No entanto, algumas metáforas utilizadas pelo mestre genebrino se enquadram na noção de competência e desempenho (p. 36): “pode-se comparar a língua a uma sinfonia, onde a realidade é independente da maneira como a executam; as falhas que possam cometer os músicos que a executam não comprometem de modo algum esta realidade”.

É preciso, porém, enfatizar as diferenças: Chomsky subordina a lingüística à psicologia cognitiva enquanto Saussure, fiel ao caráter institucional, social e histórico da língua, subordina a lingüística à semiologia e esta à psicologia social.

Unidade articulatório-acústica

Apesar de o significante equivaler à imagem acústica, Saussure esclarece em várias passagens a indissolubilidade da contrapartida articulatória (p. 23): “As sílabas que articulamos são impressões acústicas, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* não existe a não ser pela correspondência destes dois aspectos. Não podemos, pois, reduzir a língua ao som, nem destacar o som da articulação bucal; reciprocamente, não podemos definir os movimentos dos órgãos vocais se fizermos abstração da impressão acústica”. Saussure vai mais longe (p. 28), fazendo menção ao que hoje denominamos de representações proprioceptivas: “poderíamos distinguir ainda: a sensação acústica pura, a

identificação desta sensação com a imagem acústica latente, a imagem muscular da fonação etc.” As mútuas limitações impostas pelo que a percepção auditiva é capaz de diferenciar e o que o aparelho fonador é capaz de produzir vêm consignadas na seguinte afirmação (p. 85): “pode-se dizer que o número possível de explosões encontra seu limite natural no número de graus de abertura que se podem praticamente distinguir”.

Tais afirmações se coadunam com as mais recentes teorias da Fonologia Acústico-Articulatória (Albano, 1999).

Traços fonéticos

Antecipando-se à teoria do fonema como “feixe de traços distintivos”, Saussure assevera (p. 69) que “[...] um fator negativo pode ter mais importância para a classificação do que um fator positivo. Por exemplo, a expiração, elemento positivo, mas que intervém em todo ato fonatório, não tem valor diferenciador; enquanto a ausência de ressonância nasal, fator negativo, servirá, assim como sua presença, para caracterizar os fonemas.” A seguir (p. 70), Saussure elabora uma tabela jogando com os traços de nasalidade e de vozeamento, para diferenciar os sons surdos não nasalizados, sonoros não nasalizados, surdos nasalizados e sonoros nasalizados.

Coarticulação e *continuum* da cadeia da fala

Uma outra antevisão de Saussure veio a ser confirmada pelos filmes obtidos com a técnica da cinefluorografia lateral (Kent, 1983). Saussure explica que (página 64): “Se pudéssemos reproduzir por meio do cinematógrafo todos os movimentos da boca e da laringe ao executarem uma cadeia de sons, seria impossível descobrir as subdivisões nesta seqüência de movimentos articulatorios: não se sabe onde um som começa, ou outro termina”. É o que hoje conhecemos como coarticulação, verificada, porém, não apenas nos gestos articulatorios, mas também nas pistas acústicas registradas nos espectrogramas. Toda uma linha de pesquisas, iniciada por Liberman, Delattre, Cooper e Gerstman (1954) demonstra a dependência do contexto imediato para a identificação das consoantes, particularmente das oclusivas (Liberman, Cooper, Shankweiler e Studdert-Kennedy, 1967). Sendo assim, a afirmação de Saussure, a seguir, à

página 64: “Como afirmar, sem a impressãõ acústica, que em *fal*, por exemplo, existem três unidades, e não duas ou quatro? É na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não semelhante a si próprio: quando tivermos a impressãõ de algo homogêneo, tal som é homogêneo.”, não foi corroborada pelos dados empíricos. Scliar-Cabral (2002) explica que “Alguns pesquisadores (Blumstein; Stevens, 1980, 1981; Stevens, 1975; Stevens; Blumstein, 1978; Stevens; Klatt, 1974) se empenharam em buscar invariâncias categoriais nas pistas acústicas, que identificassem biunivocamente os segmentos. Caso a hipótese tivesse sido confirmada, haveria evidências para afirmar que os detectores acústicos identificam o fonema automaticamente como unidade. Mas tal não foi atestado nos experimentos.”, conforme demonstrado por Nitrouer (1996).

Na verdade, embora tenhamos um conhecimento não consciente para o uso das unidades fonológicas (Logan, 1988; Underwood; Bright, 1996, p. 26), seja a nível dos segmentos ou dos traços, conforme demonstrado pelas pesquisas sobre os *slips of the tongue* (Fromkin, 1973), não identificamos tais unidades como idênticas, a não ser que intervenham conhecimentos metalingüísticos que se desenvolvem particularmente com a aprendizagem dos sistemas alfabéticos. Novamente, uma vasta linha de pesquisas, comparando a manipulação dos segmentos entre sujeitos não alfabetizados, com outros grupos que apresentam diferentes níveis de letramento, ou mesmo com sujeitos que dominam sistemas ideográficos demonstra o efeito reversivo do conhecimento dos sistemas alfabéticos para manipular a consoante coarticulada com a vogal seguinte (Morais; Mousty; Kolinsky, 1998, p. 127).

Observemos, no entanto, que os trechos de Saussure que estamos comentando foram extraídos do Apêndice, PRINCÍPIOS DE FONOLOGIA, baseado na fusão de duas fontes distintas: um grupo de aulas proferidas no início do primeiro curso, em 1906 e nas notas estenográficas feitas por Bally das três conferências de 1897 sobre a teoria da sílaba (nota 112). Conforme dissemos no começo desta palestra, há reformulações importantes no pensamento de Saussure. Assim, no capítulo II dos PRINCÍPIOS GERAIS, As entidades concretas da língua, baseado nas aulas proferidas a 5 e 9 de maio de 1911 (3.º curso) à página 145 encontramos: “mas sabemos que a cadeia fônica tem como primeira característica ser linear. Considerada em si mesma, ela não é senão uma linha, uma fita contínua, na qual a orelha não percebe nenhuma divisão suficiente e precisa”. Conforme Mauro (nota 208), os editores acrescentaram a frase: “para tal, é necessário fazer apelo às significações”, acréscimo coerente com o trecho a seguir:

Quando escutamos uma língua desconhecida, não temos condições de dizer como a seqüência de sons deve ser analisada; é que a análise é impossível se não tivermos em consideração senão o aspecto fônico do fenômeno lingüístico. Mas quando sabemos qual o sentido e qual o papel que é necessário atribuir a cada parte da cadeia, então veremos tais partes se desprenderem umas das outras e a fita amorfa se desmembrar em fragmentos; ora, esta análise não tem nada de material.

Delimitação das unidades mínimas de significado

Em resumo, a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados previamente, sobre os quais bastaria estudar as significações e a ordem; é uma massa indistinta onde somente a atenção e o hábito nos permitem encontrar elementos particulares. A unidade não tem nenhum carácter fônico especial, e a única definição que lhe poderemos conferir é a seguinte: *um pedaço de sonoridade que é, com exclusão do que o precede e do que o sucede na cadeia da fala, o significante de um certo conceito.* (p. 146).

Conforme podemos depreender, Saussure está definindo as unidades mínimas de significação, cuja fortuna recebeu denominações diversas, tais como morfema, monema etc. A seguir, Saussure antecipa duas idéias seminais à lingüística, uma de cunho metodológico, outra teórica. Refere-se a primeira, ao princípio da recorrência para a depreensão das formas mínimas dotadas de significado (p. 146-147): “Para verificar o resultado desta operação e de nos assegurarmos de que nos deparamos com uma unidade, é necessário efetuar uma comparação numa série de frases onde a mesma unidade se encontre e onde possamos separá-la do resto do contexto, constatando que o sentido autoriza tal delimitação.”

A segunda idéia, de cunho teórico, diz respeito à dificuldade de definir palavra (p. 147): “tem havido muita disputa em torno da natureza da palavra, e, refletindo um pouco, constata-se que o que entendemos por ela é incompatível com nossa noção de unidade concreta.”

Contudo, no capítulo V da *Linguística Sincrônica*, no qual desenvolve sua teoria sobre as relações sintagmáticas e associativas (p. 171 e seguintes), podemos depreender uma antecipação do que hoje chamamos em psicolinguística de princípios de organização do léxico mental, pelos quais cada item se relacionaria aos demais por vários tipos de redes, que permitiriam identificar a classe sintática, o campo semântico, a semelhança fonológica e assim por diante. Convém reiterar que Saussure adota o princípio analógico e não por regra para o reconhecimento e identificação dos itens lexicais.

Conclusões

Nesta apresentação, pinçamos de uma releitura do CLG dois pontos que consideramos controversos: o conceito de fonologia e de fonética para Saussure e o caráter passivo por ele atribuído aos processos receptivos. A seguir, abordamos algumas idéias que consideramos pioneiras, a saber, os universais lingüísticos, competência e desempenho, unidade articulatório-acústica, traços fonéticos, coarticulação e *continuum* da cadeia da fala e a delimitação das unidades mínimas de significado,

Uma edição crítica das idéias de Saussure, expostas em ordem cronológica, permitiria uma melhor transparência sobre a evolução de seu pensamento, evitando contradições.

RESUMO

Uma releitura de Saussure redescobre questões, como sua atribuição aos termos fonologia e fonética e os processos receptivos como passivos. É discutida sua antecipação dos universais lingüísticos: competência e desempenho, unidade articulatário-acústica, traços fonéticos, coarticulação e *continuum* da cadeia da fala e a delimitação das unidades mínimas de significado.

Palavras-chave: Saussure, fonologia, fonética, cadeia da fala, processos passivos.

ABSTRACT

A review of Saussure allows a discussion of new questions, such as his conceptions about the terms phonology and phonetics and the passivity of receptive processes. We also present his advanced ideas about linguistic universals, competence and performance, coarticulation, the speech chain as a continuum and delimiting minimal units of meaning.

Key-words: Saussure, phonology, phonetics, speech chain, passive processes.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, E. *O gesto e suas bordas*. Esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas, 1999. Ensaio (Concurso de Professor Titular) - Universidade de Campinas. No prelo.
- BLUMSTEIN, S. E.; STEVENS, K. N. (1980). *Perceptual invariance and onset of the acoustic society of America*, n. 67, p. 648-662.

_____. (1981). Phonetic features and acoustic invariance in speech. *Cognition*, n. 10, p. 25-32.

FROMKIN, V. (1973). *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton.

KENT, R. (1982). The segmental organization of speech. In: MACNEILAGE, P. F. *The production of speech*. Nova Iorque: Springer.

LIBERMAN, A. M.; et. al. (1954). The role of consonant-vowel transitions in the perception of the stop and nasal consonants. *Psychological Monographs*, n. 68, p. 1-13.

_____ et al. (1967). Perception of the speech code. *Psychological Review*, n. 74, p. 431-61.

LOGAN, G. D. (1988). Toward an instance theory of automatization. *Psychological Review*, n. 95, p. 492-527.

MILLER, G. A. (1956). *Langage et communication*. Paris: PUF.

MORAIS, J.; MOUSTY, P.; KOLINSKY, R. (1988). Why and how phoneme awareness helps learning to read. In: HULME, C.; JOSHI, R. M. *Reading and spelling: development and disorders*. Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum. p. 127-151.

NITROUER, S. (1996). The relation between speech perception and phonemic awareness: Evidence from low-SES Children and children with chronic OM. *American Speech Language-Hearing Association*, 39, p. 1059-1070.

SCLIAR-CABRAL, L. (2002). Capacidades metafonológicas e testes de avaliação. In: PELLANDRÉ, N. L. (Org.). *Perspectiva*. Florianópolis: Centro de Educação da UFSC, 2002. No prelo.

STEVENS, K. N. (1975). The potential role of property detectors in the perception of consonants. In: FANK, G.; TATHAM, M. A. A. (Orgs.). *Auditory analysis and perception of speech*. Nova Iorque: Academic Press, p. 303-330.

_____. BLUMSTEIN, S. E. (1976). Invariant cues for place of articulation in stop consonants. *Journal of the acoustical society of america*, n. 64, p. 1358-1368.

_____. KLATT, D. H. (1974). Role of formant transitions in the voiced-voiceless distinction for stops. *Journal of the Acoustic Society of America*, 55, p. 653-659.

TRUBETSKOY, N. S. (1970) [1939]. *Principes de phonologie*. Tradução de J. Cantineau. Paris: C. Klincksiech.

UNDERWOOD, G.; BRIGHT, J. (1996). Cognition with and without Awareness. In: UNDERWOOD, G. (Org.) *Implicit cognition*. Nova Iorque: Oxford Univ. Press, p. 1-40.